

“Fogaça com Palavras”

Convento dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista ou Convento dos Lóios

Apresentação de Joaquim Gonçalves

1. - Origem da Congregação de S. João Evangelista e seu enquadramento histórico.



Convento do Espírito Santo da Feira

“Entre os dous celebres rios Mondego, & Douro, em quasi igual distância de hu, & outro, não longe do mar Oceano, està edificada a Villa da Feira, pequena em circuito, mas fertelissima em terreno: porq nelle se acha tudo o q a vida humana ha mister para o susteto, & tudo o q pôde apetecer para o regalo; concorrendo para esta deliciosa abundancia, juntamente o Ceo, o mar, & a terra. O Ceo com amigas influencias, & benévolos ares, o mar cõ toda a variedade de peixes, a terra com todo o género de frutos, & frutas, gados, & aves. He esta Villa titulo de Conde, que anda nos illustrissimos Forjazes, Pereyras. Eminente a ella, se vê

“Fogaça com Palavras”

Joaquim Gonçalves – 21/2/2017

hum altissimo, & antiquissimo castello, obra dos Mouros, & morada muitos annos dos Condes, q tanto com a sua presença o ennobreceràõ, & illustràrãõ, quáto ao depoes a sua ausencia o arruinou, & destruhio [...].”

Este extracto, cujo título é “Do convento do Espirito Santo da Feira, nono, & ultimo da nossa Congregação” foi retirado do livro “O Ceo Aberto na Terra”.

Este é um livro que relata a história da congregação de S. João Evangelista em Portugal e foi, durante muitos anos, a principal e quase única fonte de informação para a história dos Lóios.

Esta belíssima visão terá dado, talvez, grande contributo para a localização da Congregação Secular de S. João Evangelista, nas terras feirenses. Mas quem são? Como surgiu esta Congregação? E por que escolheram a Feira para edificar o seu nono e último convento?



Capa do livro “O Ceo Aberto na Terra”.

A Congregação dos Cónegos Seculares de São João Evangelista é uma ordem religiosa católica, essencialmente com funções de assistência e administração hospitalar. Foi fundada em Portugal, por volta do ano de 1420, tendo-se instalado inicialmente na igreja de Nossa Senhora dos Olivais em Lisboa.

A ordem adoptou o modelo institucional da congregação italiana de S. Jorge de Alga, de Veneza, e ao não receber apoios em Lisboa e no Porto, instalou-se, cinco anos depois, em Areias de Vilar, Barcelos, com o apoio de D. Fernando Guerra, Arcebispo de Braga, que cedeu o antigo mosteiro beneditino de Vilar de Frades onde se instalou a casa-mãe da ordem.

Ao ser reconhecida pelo Papa Eugénio IV, passou esta congregação a designar-se por Congregação dos Cónegos de São Salvador de Vilar dos Frades.

Devido às suas vestes azuis o povo chamou-lhes - *Cónegos Azuis*.

Com os trabalhos desenvolvidos pelos cónegos e o crescimento da Congregação, o infante D. Pedro doou-lhes da igreja e o colégio de Santo Elói em Lisboa.

Com isto veio a designação popular de - *Os Lóios*.

“Fogaça com Palavras”

Joaquim Gonçalves – 21/2/2017

Foi a pedido da rainha D. Isabel que mais uma vez a congregação mudou de nome para *Cónegos Seculares de São João Evangelista*, nome que manteve até à sua extinção.

Constituída por clérigos e leigos, os Lóios gozaram da protecção Real, foram confesores dos grandes do reino, pregadores famosos, representantes dos interesses régios na cúria romana, colaboraram na reforma da Igreja, na assistência hospitalar e na actividade missionária.

No final do século XV, pouco mais de cem anos depois da sua fundação, os Cónegos Azuis tinham fundado já nove conventos: nas dioceses de Braga (Mosteiro de S. Salvador de Vilar de Frades 1434-1455), na diocese de Lamego (S. Jorge de Recião, 1438), em Lisboa (Santo Elói de Lisboa 1442, S. Bento de Xabregas (ou convento do Beato) 1455), Évora (convento de Évora), no Porto (Santo Elói) Convento de Arraiolos, Colégio de Coimbra e nono e último da congregação, o Convento da Feira.

Devido ao dinamismo e influência que a congregação apresentava e, por vontade de D. João III, estes viriam a assumir a administração dos hospitais de Lisboa (Todos-os-Santos), Caldas da Rainha, Coimbra, Santarém, Évora, Montemor-o-Novo, Vimieiro e Castanheira. A pedido de D. Teodósio I, Duque de Bragança, a dos hospitais das vilas de Portal e Arraiolos.

2. - Construção do Convento do Espirito Santo da Feira

A intenção de erguer nesta terra um convento deve-se à vontade do 3º conde da Feira, D.



Manuel Pereira, mas foi seu filho, D. Diogo Forjaz Pereira, 4º conde da Feira que assumiu esse compromisso.

É-nos então relatado pelos cónegos Azuis que na Vila da Feira, pelos anos 1560, o 4º Conde da Feira, D. Diogo Forjaz e sua esposa a Condessa D. Ana de Menezes desejavam ter na Vila um convento de religiosos para seu benefício e de seus súbditos. Para seu benefício, porque, enquanto vivos, teriam companhia e assistência e depois de mortos, tinham quem lhes desse sepultura e lhes rezasse pela alma.

O Confrade Joaquim Gonçalves no uso da palavra

Assim, diziam os cónegos acerca do pedido de D. Diogo Forjaz Pereira, que “por ser seu desejo, fora a sua congregação a escolhida” por duas razões: a primeira, por ser grande a sua fama; a segunda, porque a ela pertenciam os seus

irmãos, Rodrigo da Madre de Deus e Leonis de Santiago. Por sua vez, a justificação do requerimento feito não apresentava dúvidas. Procedeu-se assim, às licenças necessárias, fazendo-se a eleição do local, apesar de haver opiniões diferentes.

Para o local de construção do mosteiro havia dúvidas entre D. Diogo Forjaz Pereira e os cônegos da congregação. Os padres alegavam que o novo convento fosse na “Villa” no sitio da velha igreja de S. Nicolau, no lugar hoje designado pelo da Misericórdia, onde, posteriormente, veio a instalar-se a capela de S. Francisco “*por ter largos pastais para a cerca e ser sítio fora da vila*” e além disso, “*ficava em melhor cómodo para os frégueses & seria a fabrica menos custosa, valendo-se da igreja já fundada*”. Outros, entre os quais D. Diogo Forjaz Pereira, pelo contrário alegavam outras razões e proponham a Ermida de Espírito Santo, pois D. Diogo queria que se começasse o convento a pequena distância do castelo.



Vista parcial do convento onde se lê o ano de 1632

Venceu a ideia do conde, pois no capítulo geral que se celebrou no ano de 1559 mandaram os padres capitulares que se começasse o mosteiro no sitio onde estava a Ermida do Espírito Santo por ser vontade do conde a quem, por fundador e particular amigo, tinham obrigação de condescender à sua vontade. O convento foi então edificado tendo sido lançada a primeira pedra a 6 de Maio de 1560.

A Igreja inicialmente era pequena, sendo curto o espaço de tempo que levou a construir. Mas não foi preciso muito tempo para se pensar em ampliar a igreja. Segundo uma nota deixada pelo vigésimo terceiro reitor do convento “no ano 1580 contratou o conde D. Diogo, fundador, com o mestre de pedraria Hieronimo Luiz que fizesse a capela-mor”. O contrato para a sua construção foi adjudicado por 180 mil reis, quarenta alqueires de trigo, quarenta de segunda e uma pipa de vinho.

Mas só 38 anos depois se começou efectivamente a nova capela-mor sendo concluída em 1632 (“data gravada por baixo da cruz posta no vértice do telhado do transepto para sul, muito visível do Claustro”).

No ano de 1608, celebravam os Lóios, contrato com a Câmara “sobre a mudança do caminho para se fazer a torre dos sinos”. O convento tomou um “pedaço de estrada” que ia para “Fogaça com Palavras”

Joaquim Gonçalves – 21/2/2017

Arrifana, com a licença da Câmara, mas como por ela vinha o cano da água para o chafariz da Vila, essa licença foi condicionada à feitura de novo cano. Assim a torre norte da Igreja, nascia na sequência do referido contrato, como consta da gravação datada de 1610 que está no interior da sua cúpula. Ao ser começado ainda antes da nova capela-mor e ao ser acabado provavelmente depois de se iniciar o cruzeiro, poderá ser sinal de que os Lóios ao darem prioridade à torre sineira tinham como objectivo marcar a extensão definitiva da Igreja.

Em 1630, já tinham acabado as obras da sacristia, que é a que hoje conhecemos. Na altura o convento contava com “dous dormitórios” com nove celas e uma “casa da prata”. Nesta “casa da prata” guardavam-se, os utensílios litúrgicos, objectos Sacros predominantemente em prata e dava acesso também, à livraria e ao cartório da comunidade.

Em 1680, as verbas vindas das doações dos condes e das rendas do convento foram gastas na construção da capela-mor e do cruzeiro. Era necessário envolver o povo para a construção do “corpo da igreja”. Então, a Câmara da Feira, em reunião de 20 de Maio de 1680, decidiu reunir-se com o provedor de Esgueira (lembrar que na época o território de Santa Maria da Feira tinha sido inserido na área da Comarca e Provedoria da Esgueira), para que pudesse ser feita a petição ao príncipe regente D. Pedro para lançar a “finta” de “um real em cada quartilho de vinho” que se vendesse na vila e nos seus limites, cujo produto reverteria para as obras do “corpo da igreja”. A “finta” permitiu concretizar a “obra da escada”, a “entrada da igreja”, a “portaria” e “parte da torre do ante-coro”.

Estas obras foram alcançadas mediante nova e sucessiva serie de provisões obtidas de D. João V, renovando a “finta”.

A nova igreja foi erguida em duas fases: a primeira, a da capela-mor e do cruzeiro; a segunda, a da nave. Nesta primeira fase, houve mais riqueza na sua construção a qual se reflecte pela aplicação de mármore, nos quais predomina o branco, o rosa e o negro, em placas de abóbada, e no pavimento “hum carneiro, cousa grandiosa”, em frisos e elementos menores, além dos túmulos e púlpitos.

Só 133 anos depois da colocação da 1ª pedra, se começariam as obras da nave da igreja para a união do velho corpo da igreja ao cruzeiro e à capela-mor, que resultariam no conjunto que hoje conhecemos.

Em 1705, ou seja 145 anos depois, a fachada da mesma não contava com a torre sul, mas existia já as silhuetas do imponente conjunto formado pelo Templo e pelo Convento tendo ao centro um claustro quadrado com um “*formoso chafariz*” que desde o ano de 1628 deitava, da fonte do castelo a água que se repartia por todas as “officinas da casa”.

Os contratos de edificação e de venda das capelas a particulares, bem como as obrigações dos sufrágios do convento desempenharam um papel importante no ritmo de construção das obras do templo feirense.

De ambos os lados da nave da igreja parte significativa das superfícies sepulcrais viram ser construídas sobre si capelas ficando, estes espaços, vinculados a certas famílias nobres feirenses. Exemplo disso é a pedra tumular da “Casa de Fijô” situada junto ao altar do Sagrado Coração de Jesus que se encontra sob o resguardo “das grades da capela das dores”.

De acordo com o Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria da Feira, a escadaria barroca de duplo arranque, que conduz à igreja Matriz de S. Nicolau é uma escadaria com pedra lavrada nos seus corrimões e obeliscos de pedra que sobem até ao adro da igreja com o seu parapeito de pedra junto ao qual há um padrão “*onde as prociçõins dam volta*” e está datado de 1746, tendo nas lajes em seu redor campos do século XVI.

A frontaria da igreja é em cantaria, composta de duas torres laterais. Na fachada principal tem ao centro a porta e por cima desta existia uma enorme janela com suas grades e vidraças. Estas vidraças foram substituídas, em 1944, pelo vitral de S. João Evangelista, de autoria de Guilherme Camarinha, e que hoje conhecemos.

Em cada “torre dos sinos”, como eram chamadas, há quatro campanários, que se fecham em abóbada redonda com quatro pirâmides nos cantos. Havia também em cada torre um relógio de sol com o seu mostrador de pedra lavrada.



Vista parcial do interior da Igreja

De referir que mais tarde, aquando a colocação de um relógio, só a torre norte o tinha, sendo fixos os ponteiros do da torre sul.

Ao entrarmos na nave da igreja existiam oito estátuas de santos em tamanho natural do séc. XVIII;

quatro evangelistas, os Santos Pedro e Paulo e de dois Bispos.

Na Igreja, toda ela abobadada, existe um total de nove altares, contando com o altar-mor.

A área da capela-mor e do cruzeiro, está toda forrada de azulejo que realça o altar-mor de talha dourada, barroco, com pares de anjos de diversos tamanhos esculpidos em madeira. Existe um arco de pedraria, na entrada para a zona da capela-mor, onde estão pendentes

as armas da Casa da Feira. No cruzeiro da igreja, também ele abobadado com seus florins dourados em cima, há quatro portas em correspondência, duas fingidas da parte norte em correspondência outras duas a sul que servem para a sacristia e para claustro. Nas paredes laterais da capela-mor, anicham-se vistosas urnas de mármore, “panteão” da família dos condes da Feira. Os seus dois túmulos “de alabastros brancos vermelhos e negros” embutidos nas paredes foram feitos para sepultarem os condes e assim se perpetuar a sua memória e se poder sufragar a suas almas.

Do lado da parede sul (lado da Epístola) foram sepultados os restos mortais do conde D. Diogo, fundador e do seu pai com as respectivas esposas. Na parede norte (lado do evangelho) o sarcófago recebeu os restos mortais de conde D. João, marido de D. Maria de Gusmão.

Existem, também, claros vestígios na capela-mor, de ter sido aumentada para o fundo (a nascente), talvez com a intenção de dar acesso ao trono armado entre a talha do altar, quando se colocou. Neste local existiria, possivelmente, uma rosácea redonda e duas menores em forma de folhas de trevo que dariam luz àquela parte da igreja. Quanto à rosácea redonda, desapareceu com as obras concluídas em 1945.

Na Capela da Nossa Senhora do Rosário, além da imagem correspondente, existe também a imagem do mártir S. Sebastião que sai todos os anos em procissão pelas ruas da cidade, no dia 20 de Janeiro.

Por curiosidade, referir que esta não é a única imagem de S. Sebastião existente na Igreja. Existe uma outra, guardada, fora do culto, mais simples, mais despojada, mais ingénuo, datada, talvez, dos princípios do séc. XV, e era esta imagem que anteriormente saía em procissão nas Fogaceiras. Esta antiga imagem de S. Sebastião foi aquela que mais tempo esteve no culto dos feirenses na igreja de S. Nicolau na respectiva capela, hoje de evocação a S. António. A imagem que actualmente é venerada e é levada em andor na procissão, pertence à Câmara.



Primeira Imagem de S. Sebastião

Por indicação do Dr. Roberto Vaz, então presidente da Câmara, esteve depositada, durante algum tempo, na capela do Castelo, confiada à guarda da Comissão de Vigilância do Castelo, pois o pároco da altura recusou-se a passar um documento comprovativo de a imagem pertencer à Câmara e não à Igreja.

3. A Festa das Fogaceiras

Desde cedo a congregação pretendeu tomar posse da velha igreja de S. Nicolau, no lugar hoje designado da Misericórdia como já foi dito. Junto à igreja, havia um hospital que se chamava, imaginem, “hospital de S. Sebastião”, que era uma instituição assistencial. Deduz-se, por depoimentos então prestados, que aquela instituição acabou absorvida pela Misericórdia, como uma albergaria para acomodação de “pobres viajantes”. Era à custa dela que se tratava algum viajante que pudesse adoecer “porque a albergaria só conservava a renda de três galinhas”.

Por volta de 1630, a festa em honra a S. António surge como sendo umas das principais da igreja da Feira. Outra das festas era em honra a S. Sebastião.

Nesta, costumava o mordomo pedir aos padres que viessem acompanhar a procissão, mas durante os anos de 1630, os Lóios estavam muito renitentes em anuir a este pedido e terão transformado em praxe esse indeferimento.

Dada a importância futura da festa a S. Sebastião, no quadro da festa das Fogaceiras, impressiona o quase total silêncio das fontes conventuais, a propósito da celebração desta festividade. O conhecimento que existe mais não é do que aquele que a tradição oficial nos transmite. Os Lóios de quinhentos e seiscentos nada deixaram escrito sobre o teor, forma e evolução da festa das fogaceiras. Esta falta de simpatia por este tipo de ritos de bênção de pão deve-se talvez ao seguinte: nos “dias das candeias e dia de ramos” o povo costumava trazer à igreja “muito pão cozido e contas a benzer”. O reitor de então dizia às pessoas “que tirassem dali estas cousas se enfadarão muito”, mas o povo alegava “que os padres reitores passados benzião tudo”. Mas, nem por isso, o padre mestre recuou, até “tirar” aquele “abuso”, atitude que poderá ter tido reflexos na festa das fogaceiras.

Já durante a guerra civil (entre os liberais e os absolutistas), no período mais agudo do cerco do Porto, vemos uma deliberação urgente tomada pela câmara, uma vez que haveria “algumas freguesias deste concelho a terrível molestia de colera morbus”, ficou então decidido organizar-se “huma procissão por toda esta villa em devoção particular ao Milagroso Mártir S. Sebastião”, a ter lugar no dia vinte e um do mês de Agosto “a fim do mesmo Santo librar esta Villa e suas convezinhanças de semelhante flagelo”. Além disso, a câmara fazia votos de que “ficando esta villa livre de semelhante peste, continuaria todos os anos, no mesmo dia vinte e um de Agosto a fazer-se igual Porcicão”.

Finalizada a guerra, a pretensão do voto não foi acolhida pelo povo, mantendo-se apenas a festividade do santo “na forma de voto” a vinte de Janeiro.

4. Outras histórias em redor do edifício: suas ocupações e utilizações

Como é sabido a extinção dos Lóios, assim como de todas as ordens religiosas, foi imposta pelo decreto de 30 de Maio de 1834, o chamado decreto do “mata-frades”, que surgiu por ordem do reino.



Para a sobremesa um gelado com Fogaça

Uma vez extinta a Congregação, as suas propriedades são entregues ao município da Villa da Feira em 1836. A partir desse momento, o Convento inicia uma série de novas utilizações enquanto equipamento público, diferentes daquelas para as quais foi construído com muito sacrifício e devoção do “povo de Villa da Feira”.

De forma muito sucinta, poderemos apresentar dois pequenos episódios relacionados com a vida do convento.

O primeiro relacionado com o chafariz que existia nos claustros do convento:

Por portaria de 20 de Setembro de 1836 foi entregue à câmara municipal da Feira o edifício do antigo Convento dos Lóios, em cujo claustro havia um “magnífico chafariz” de granito em que a água que o abastecia vinha de uma mina que atravessava o que é hoje a quinta do Castelo. No ano de 1843 foi levada a tribunal um diferendo existente entre o dono desses terrenos o *Brasileiro* Bernardo José Correia de Sá e a Câmara. Este diferendo estava relacionado com a reparação do aqueduto e a possibilidade dos “habitantes da vila se conservassem na posse dessa água”. Com a demora da resolução do problema, a partir de 1846 o chafariz ficou sem água. Dois anos mais tarde, era Bernardo José Correia de Sá quem presidia aos destinos da câmara, foi deliberada por esta “construir na praça pública desta vila um chafariz”. Supõe-se que o pelourinho fora derrubado em 1848 para ser substituído pelo chafariz que veio do centro de claustro do convento. Desta forma nunca mais se falou da água porque e como dizia o Dr. Vaz Ferreira que com o “bicho morto acabou a peçonha”. O chafariz mudara-se para onde não lhe faltava a água.

A outra curiosidade relaciona-se com a construção do cemitério.

O cemitério foi construído por três planos, sendo o terceiro e mais baixo, situado a norte, destinado aos não católicos. Mas no ano de 1876, a construção deste cemitério motivou a grande questão entre o abade Manuel Gonçalves de Oliveira Aroso e a Câmara Municipal. O abade tinha a sua residência no casario do convento e fazia o seu quintal nos terrenos a nascente da igreja. Este quintal é que foi destinado para o cemitério. Com a resistência do abade, foi necessária a intervenção do governo, autorizando as obras no convento. O Bispo do Porto, que também foi chamado à contenda, interditiu a utilização da igreja para as festas das Fogaceiras no ano 1877, realizando-se estas na Igreja da Misericórdia.



Vista geral dos participantes no jantar "Fogaça com Palavras"

Estas são algumas das muitas histórias que fazem parte da vida deste magnífico edifício e das suas múltiplas utilizações. Poderemos para finalizar alencar algumas dessas utilizações ao longo dos tempos como:

Foi convento dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista, foi alojamento do Batalhão de Caçadores nº11, foi tribunal e administração do concelho (1878), residência do abade, estação telefónica, foi sala de teatro (D. Fernando II) e que mais tarde (1938) com a popularização do animatógrafo, o teatro converteu-se em cinema, foi cadeia (1907), foi tribunal (1938), foi conservatória do registo civil e Secretaria Notarial. Mais recentemente recebeu, ainda que temporariamente, foi a primeira sede da Universidade Sénior. Hoje, que muito nos honra, é Museu Municipal.

Este é um dos edifícios que nos habituamos a "olhar" mas nem sempre o "vemos" tendo em conta a sua riquíssima história.

Gostaríamos que este trabalho integrado nos jantares "Fogaça com Palavras" promovidos pela Confraria da Fogaça, tenha despertado a curiosidade dos presentes para conhecerem melhor este majestoso monumento nas suas diferentes vertentes como as histórias dos Lóios em Portugal, a construção do edifício até à vida dos feirenses em torno da igreja de S. Nicolau e respectivo convento dos Lóios.

A todos um obrigado pela vossa atenção

Bibliografia

- Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria da Feira. (s.d.). *Actas das secções da Câmara, livro nº 3, folha 203*.
- Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria da Feira. (s.d.). *Actas de Secção da Câmara, livro 10*.
- Ferreira, V. (1989). *Feira, a vila o concelho e o castelo da Feira- onde nasceu portugal-* (Vol. 1). Feira: Câmara Municipal.
- Gonçalves, A. N. (1978). *Vila da Feira - Castelo, Convento, Misericórdia*. Edições portuguesas de Arte e Turismo, lda.
- Maria, F. d. (1697). *O Ceo aberto na terra, Histórias das Sagradas Congregações dos Cônegos Seculares de S. Jorge em Alga de Veneza e de S. João Evangelista em Portugal*. Lisboa: Manoel Lopes Ferreyra.
- Oliveira, R. V. (1972-1973). *Freguesia de S. Nicolau da Vila da Feira I*.
- Pina, M. I. (2011). *Os Lóios em Portugal: Origens e Primórdios da Congregação dos Cônegos Seculares de São João Evangelista*. Lisboa.
- Pinto, A. F. (1938). *Colegiada ou Colégio do Espírito Santo na Vila da Feira*. Figueira da Foz.
- Sousa, A. d. (s.d.). *O Concelho da Feira*. Espinho: Tipografia Espinhense.
- Tavares, P. V. (2007). *Os Lóios em terras de Santa Maria*. Santa Maria da Feira: Município de Santa Maria da Feira.
- Tavares, P. V. (2008). O Convento e a Cidade ao longo do tempo. À guisa de introdução. Em *Espiritualidade e disposições perante a morte em Santa Maria da Feira: Capelas, legados e bens d'alma na matriz de S. Nicolau durante o Antigo Regime*. (pp. 195- 248).